

UMA ESPIRITUALIDADE COMUNITÁRIA: CAMINHO PARA O SENTIDO DA VIDA

THE COLLECTIVE SPIRITUALITY: A PATH TO LIFE'S MEANING

Valquiria Oliveira e Heloisa Helena Rocha Silveira

Resumo. O ponto de partida deste trabalho é a Logoterapia, do Dr. Viktor Frankl. Segundo ele, o ser humano possui em sua personalidade as dimensões física, psíquica e espiritual. Esta última é especificamente humana, e, sendo superior às demais, as abrange e as contém, de tal modo que a intervenção feita nessa dimensão resulta em melhora significativa quanto à qualidade de vida física e psíquica. Assim, a tarefa do logoterapeuta é resgatar o verdadeiro eu da pessoa (e a sua essência), que muitas vezes se encontra preso a determinismos de várias naturezas. Somente o ser espiritual é capaz de utilizar sua liberdade para tomar atitudes favoráveis visando sua autotranscendência, que o encaminha para o verdadeiro sentido de sua existência. Por outro lado, neste momento histórico, surge na Igreja Católica um novo carisma, o da Unidade, que se expressa na Espiritualidade Comunitária de Chiara Lubich. Formando as pessoas no seu aspecto espiritual, essa espiritualidade produz frutos de crescimento tanto individual quanto coletivo, proporcionando uma vida mais feliz, mesmo estando dentro de um cenário de sofrimentos devido a diversas situações. Estudando a vida de uma amostra de 26 pessoas, foi constatado que, no contato com o chamado Movimento dos Focolares, elas conseguiram renovar suas existências, tornando-as mais felizes, mais saudáveis e mais capazes de dar o seu contributo para uma sociedade mais justa e mais unida.

Palavras-chave: Viktor Frankl, Chiara Lubich, Espiritualidade Comunitária, Sentido da Vida, Valores.

Abstract. The starting point of the present work has been Viktor Frankl's Logotherapy. According to him, man has in personality the dimensions: physical, psychical and spiritual. The last one, since it's the only one specifically human, being superior to the others, contain them, in such a way that the intervention done in that direction (spiritual) results in a significative improvement in life's physic and psychic quality. Thus, The Logotherapist's target is to recover the real personal's being, the person's essence, which can be usually found imprisoned by determinisms of diverse natures. Just the spiritual being is capable of using it's freedom to take attitudes which lead to the auto-transcending that directs to the real existence's meaning. On the other hand, in this century there's a new Charisma that arises in Church, the Charisma of Unity, that expresses itself in Chiara Lubich's collective spirituality, lived in the Focolari Movement, which, forming people in the spiritual aspect, produces effects in terms of growing up individually or collectively, allowing people to have a happy life even in a suffering scenery caused by diverse reasons. Studying the life of a 26-people-sample it has been understood that the contact with the Focolari Movement helps people to renew their existences, making themt happier, healthier and more capable of giving their contribution to a more just and united society.

Keywords: Viktor Frankl, Chiara Lubich, Community Spirituality, Meaning of Life, Values.

INTRODUÇÃO

O objetivo deste estudo abrange a reflexão acerca de uma experiência de vida, aquela do homem, que por ser um ser espiritual integrado em suas dimensões psicofísica e social, busca o sentido para a sua vida, e o busca transcendendo a si próprio. Sua existência não é solitária, é comum à vida de outros homens.

A análise de recortes da vida de pessoas de diferentes idades, em diversas situações e em inúmeras partes do mundo levou-nos a considerar a experiência de caminhar junto com os outros, de ser parte integrante de um grupo, como uma exigência experimentada mais do que nunca pelo homem. De fato, é um sinal dos tempos atuais, a busca de soluções globais e ajuda recíproca, tanto em nível político, econômico e comercial quanto cultural.

Ora, observando a exigência atual de comunhão como fenômeno mundial, e sabendo que Deus vem ao encontro do homem justamente nessa dimensão transcendente, percebemos que a maneira de o homem se realizar parece não poder ter mais características individuais (eu e eu), mas atrai o coletivo, a comunhão (eu e tu, nós).

Neste homem, existe também uma sede insaciável de absoluto, de valores, de comunicação com algo ou com alguém que está acima dele e que o transcende. Consideramos a conhecida “regra de ouro”, presente em quase todas as religiões do mundo: “Ama o próximo como a ti mesmo” (Mateus 19,19), um sinal que confirma este anseio de realização para um sentido existente no coração humano. Uma

marca indelével que todo homem tem em seu íntimo, tenha ele fé ou não, é que foi criado “à imagem e semelhança de Deus”.

Por um lado, a humanidade sente essa exigência da qual falamos anteriormente; por outro, parece que Deus quis dar ao homem um caminho espiritual que é mais coletivo que individual, e que é um verdadeiro antídoto de aspectos prejudiciais, antivalorativos, a serem corrigidos na sociedade hodierna. Deus vem ao encontro da humanidade, como sempre veio, dando à Igreja novos carismas, entre vários, o Carisma da Unidade, reconhecido oficialmente pela Igreja e em todo o mundo por meio do Movimento dos Focolares (www.focolare.org). Este movimento leigo, tendo sido vivido por um pequeno grupo e hoje por milhares de pessoas ao redor do planeta, está oferecendo à humanidade uma nova espiritualidade, muito mais comunitária do que individual, com elementos característicos que levam à comunhão dos seres e que constatamos ser de grande ajuda para um equilíbrio integral do homem, também no campo psicológico.

Analisando as histórias de vida aqui apresentadas, verificamos o quanto uma espiritualidade comunitária corrobora para este equilíbrio interno do homem. Como o nosso trabalho é no campo da Psicologia, gostaríamos de ver se nesse novo itinerário espiritual existem elementos terapêuticos capazes de prevenir ou restituir a harmonia da saúde psíquica e, caso existam, apresentá-los, pois durante anos de contato direto com pessoas que vivem uma espiritualidade comunitária, percebemos que elas passam por um processo de crescimento não só espiritual, mas também psicológico e, até, físico.

Entendemos como espiritualidade comunitária um modo de viver o cristianismo baseado no amor recíproco, que gera a presença de Jesus entre as pessoas – “Onde dois ou mais estão reunidos em Meu nome, aí estou Eu no meio deles” (Mateus 18,20). A consequência dessa presença mística, mas real, é a unidade, e os seus frutos, que podemos considerar verdadeiros efeitos terapêuticos, são incontáveis: alegria interior; paz; capacidade de amar o sofrimento e ultrapassá-lo, indo ao encontro do outro; unidade interna; fortaleza; paciência; discernimento; estabilidade emocional e autocontrole; capacidade de recomeçar.

Sabemos que a descoberta da missão pessoal torna a vida plena de sentido. Mas constatamos que a espiritualidade coletiva, estabelecendo um relacionamento de unidade, clarifica, evidencia, ilumina a missão pessoal, ampliando o sentido de comunidade. Acreditamos que o mundo precisa de uma terapia do amor, aquele verdadeiro, citado no Evangelho. “A vida da Palavra (Evangelho) opera no homem uma reevangelização completa do seu modo de pensar, de querer, de amar” (Lubich, 1979, p.57). Sabemos que o agir humano está diretamente ligado ao seu modo de conceber a vida. Ora, se a vivência da Palavra transforma o modo de pensar humano, injetando nele os valores cristãos, esse mesmo homem, com o pensar transformado, atuará de forma ética, de acordo com seus valores, trazendo um grande contributo para a humanidade, para a restauração da integridade do ser.

Fomos buscar, nos valores cristãos, o caráter comunitário da vocação humana, e gostaríamos de apresentar a sua beleza, grandeza

e efeitos em prol do sentido da vida. Verificamos o quanto a espiritualidade comunitária contribui para este objetivo, sendo-lhe rico reservatório e fonte. Nas palavras de Iginio Giordani (1894-1980)¹: “Quando dentro de mim viver somente Deus, que importância poderão ter os julgamentos e os acontecimentos do mundo, e que tarefa poderão ter as criaturas ao meu respeito a não ser a de me permitir amá-las para amar através delas o Amor?” (GIORDANI, 1986, p.101).

Este doar-se, esta “arte de amar”², é aquilo que nos parece a novidade que será apresentada a seguir, como fundamentação teórica, como casuística de muitas vidas plenas de sentido, que podem ilustrar como uma espiritualidade comunitária pode ser um caminho para a realização plena do sentido. Para isso, aprofundaremos não só a vocação do homem na ótica do pensamento cristão e os fundamentos da sua ética, mas também o caminho da espiritualidade coletiva na Igreja em direção a uma nova ontologia, oriunda da espiritualidade da unidade. Verificaremos a sintonia existente entre o pensamento de Frankl, naquilo que existe de inerente ao ser humano, e a espiritualidade comunitária. Faremos a colheita dos instrumentos que possibilitaram a mudança de comportamento das pessoas nos casos apresentados, identificando os valores que são aguçados por meio da vivência da espiritualidade comunitária. Por fim, identificaremos as técnicas que foram utilizadas, em prol de uma metodologia preventiva,

¹ Co-fundador do Movimento dos Focolares (www.focolare.org / Link: Centro Iginio Giordani)

² Termo que expressa uma tática característica do modo de amar na Espiritualidade da Unidade.

reeducativa e psicoterápica para tornar a vida plena de sentido.

A LOGOTERAPIA DE VIKTOR FRANKL

Viktor Emil Frankl (1905-1997) foi professor de Neurologia e de Psiquiatria na Faculdade de Medicina da Universidade de Viena e professor visitante das Universidades de Harvard, Pittsburgh, San Diego e Dallas. Doutor em Medicina e Filosofia, foi membro da Academia Austríaca de Ciências, recebendo o título de Doutor honoris causa de 18 universidades no mundo, entre as quais a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRS), no Brasil, além do Oscar Pfister Award, conferido pela American Psychiatric Association. Em vida, publicou 32 livros, traduzidos em 31 línguas. Conferencista e professor em mais de 193 universidades do mundo inteiro, foi e continua sendo considerado um dos maiores cientistas do comportamento humano, um pensador brilhante, que documentou e diagnosticou os problemas da civilização contemporânea dando-lhe uma diretiva para o sentido da vida.

Sua obra

Frankl criou um novo método psicoterápico, a Logoterapia (Logo: sentido/ Terapia: cura), fundando a 3ª Escola Vienense de Psicoterapia (depois das de Freud e Adler). Esse novo método baseia-se no conceito de que a vida tem um sentido. O termo “Logoterapia” foi usado por ele pela primeira vez em 1926, numa associação de Psicologia Médica, quando ainda era um pesquisador teórico.

Possui uma visão antropológica fundamentada no respeito do homem e na sua

re-humanização, pois o considera um ser único e responsável, capaz de se posicionar diante dos condicionamentos porque possui uma dimensão espiritual que abarca suas outras dimensões (psicológica, social e física).

A Logoterapia tenta ser uma complementação, e não uma substituição das terapias. Frankl, com o seu espírito penetrante, interpretou os equívocos da psicologia profunda e soube captar as necessidades espirituais do ser humano.

Sua história

Frankl nasceu em Viena, em 26 de março de 1905. Seu pai, Gabriel Frankl, hebreu israelita, era muito estimado pelo seu interesse político e cultural em favor dos jovens, trabalhando como diretor no Ministério da Educação. Sua mãe, Elsa Lion, hebreia, pertencia a uma família patriciana que há muito tempo se estabelecera em Praga. O casal teve três filhos: Walter August, Viktor Emil e Estella Josefina. Desde criança, Frankl manifestou o desejo de ser médico, afirmando, porém, que o seu modo de exercer a profissão seria diferente, porque não recorreria muito aos medicamentos. A vida familiar era serena e alegre. Uma amiga da família, sua professora, chamava-o de “o pensador”.

Com a 1ª Guerra Mundial (1914-1918) e a queda do Império, a família Frankl passou por uma grave crise econômica. Com os irmãos, Viktor chegou a roubar milho dos campos e a pedir pão, nos tempos mais difíceis. Aos 13 anos, frequentando a escola de Ensino Médio, diante de um professor de Ciências Naturais que explicava a vida como um processo de

combustão e oxidação, levantou-se e disse: “Prof. Fritz, se é assim, que sentido tem a vida?” (Frankl, 1989, p.31)

Essas mesmas considerações voltaram quando Frankl se viu diante do suicídio de um colega de liceu, encontrado morto com um livro de Nietzsche nas mãos. Frankl se convenceu de que existia um liame entre as concepções filosóficas e o modo de compreender e enfrentar a vida. Por isso, também dedicava muita atenção ao estudo da Filosofia.

Porém, um fato decisivo na sua formação e nas suas sucessivas escolhas foi a correspondência com Freud, o pai da Psicanálise. Freud respondia de imediato as suas cartas, e esses contatos se prolongaram até na sua vida universitária (Freud publicara seus escritos na Revista Internacional de Psicanálise). A pesquisa científica e a problemática filosófica constituíam os dois polos indissociáveis das suas reflexões. Ingressando na universidade, Frankl passou por um momento de incerteza profissional: tornar-se psiquiatra ou obstetra ou dermatologista? Saiu do dilema ao ler Søren Kierkegaard. Refletindo a problemática existencial, gostava de rabiscar caricaturas, e assim foi superando suas incertezas.

Depois da clamorosa separação entre Adler e Freud, Frankl simpatizou logo pela Psicologia Individual e passou a escrever artigos na sua revista, considerando-a como sendo mais atenciosa frente aos problemas existenciais, já que Freud havia desvalorizado a pesquisa para um sentido da vida. Dizia: “No momento em que se se interroga sobre o sentido e sobre o valor da vida, já se está doente, já que os dois

problemas não existem no sentido objetivo” (Freud – 1960, p.402).

A atenção dada por Frankl ao sentido da vida não provinha apenas de uma propensão pessoal, mas de fatos, como o aumento do número de suicídios entre os jovens e das fugas de casa, sobretudo nos períodos de férias. Para ele, a falta de sentido estava se tornando uma neurose coletiva. No entanto, os contrastes com o pensamento adleriano começaram a surgir e Frankl começou a colaborar com R. Allers e O. Schwarz, mais humanistas e espiritualistas que Adler. Lendo também M. Scheler, Frankl via claramente que o verdadeiro perigo da Psicoterapia era o Psicologismo.

Em 1927, ele se desligou da Associação Adleriana. Ao mesmo tempo, criou centros de consulta gratuita para os jovens, que logo se estenderam a outras seis cidades austríacas. Com o trabalho desenvolvido nesses centros de assistência, as fugas e as tentativas de suicídio diminuíram sensivelmente, tanto que, em Viena, após um ano de atividade, não se registrou nenhum suicídio – e assim foi por diversos anos. Tal iniciativa suscitou interesse também na Suíça, na Hungria e na Tchecoslováquia, que abriram centros análogos. Tudo isso permitiu uma ampla casuística a Frankl, assim como contatos com muitas personalidades que se interessavam pela Psicoterapia.

Em 1930, diplomou-se em Medicina. Enquanto prosseguia com os estudos para conseguir a especialização em Neurologia, foi convidado para trabalhar na Clínica Neurológica da Universidade de Viena, por O. Pötzl, a quem havia conhecido em Praga, por ocasião de uma de suas conferências para os centros de

consultas. Encorajado por ele, procurou se libertar dos rígidos esquemas das escolas e passou a confiar nas suas intuições. Dava muita importância à escuta do paciente e preferia anotar muito mais aquilo que lhe era dito do que aquilo que dizia. Foi assim que descobriu as técnicas que se tornariam típicas da Logoterapia, quer sejam: a intenção paradoxal e a derreflexão, que era uma forma de ativar a responsabilidade do paciente diante de seus próprios sintomas e que permitia, em muitos casos, superar ou pelo menos aliviar a dor. Suas leituras e reflexões o levaram a organizar um quadro de referência axiológico que permitiria aos pacientes encontrar uma razão para viver em qualquer tipo de situação. Nascia, assim, o primeiro núcleo da Logoterapia, que consistia em considerar que a pessoa humana tem sempre em si mesma a possibilidade de dar um significado à própria existência, tendo o psicoterapeuta a tarefa de dar suporte ao paciente nessa busca.

Depois da colaboração com O. Pözl, Frankl foi chamado para trabalhar no Hospital Psiquiátrico de Viena, no pavilhão das pessoas afetadas por manias suicidas. Ali ficou por quatro anos. Quando, em 1936, se especializou em Neurologia e Psiquiatria, já era rico em experiência. Em 1937, pôde, finalmente, abrir o seu próprio ambulatório. Entretanto, em março de 1938, Hitler invadiu a Áustria. A partir de então, começaram as perseguições raciais para a família Frankl. Primeiramente, lhe foi consentido continuar o exercício da profissão numa área limitada do Rothschildspital, reservado aos hebreus. Na tragicidade daquela situação, recorreu a tudo para sabotar as leis que impunham a eutanásia. Dedicou-se com tenacidade a tudo àquilo que podia fazer para

apoiar os seus irmãos hebreus, até mesmo improvisando momentos de oração.

No início de 1942, casou-se com Tilly, uma jovem hebreia que conhecia há muito tempo. No final daquele mesmo ano, a situação piorou. A irmã de Frankl foi a única que escapou da deportação, ao obter um visto para viajar para a Austrália. O irmão se refugiou na Itália, com a mulher, mas foi capturado e deportado para Auschwitz. Os pais de Frankl insistiam para que ele e Tilly se colocassem a salvo. A possibilidade de finalmente difundir as conclusões de suas pesquisas e a possibilidade de garantir uma existência serena à sua família (Tilly esperava um bebê), faziam com que ele quisesse partir, mas sentia angústia profunda quando pensava em deixar os pais anciãos diante de destino tão cruel. Mesmo assim, conseguiu um visto para os Estados Unidos, mas, quando estava com o passaporte nas mãos, não conseguia se decidir. Saiu de casa absorvido pelos seus pensamentos e, escondendo sob o capote a estrela amarela, entrou na catedral de Viena e ali ficou longo tempo em oração. Quando voltou para casa, viu sobre o rádio um pedaço de mármore: o pai lhe explicou que o tinha recolhido entre as ruínas da sinagoga. Nele, estava escrito, em hebraico, o 4º Mandamento do Decálogo: “Honra teu pai e tua mãe”. Frankl interpretou o fato como sendo a resposta que procurava e deixou que o visto para os Estados Unidos perdesse a validade.

A sua captura se deu em novembro de 1942. No momento de se separar de Tilly, ele enfrentou um outro conflito moral. Sua esposa era muito bonita, e talvez a salvação da sua vida dependesse também de ela ceder às investidas da SS. Dissolveu, então, a fidelidade conjugal, para

não se sentir corresponsável pela sua morte. No entanto, pediu-lhe que tudo fizesse para sobreviver.

O amor por Tilly vivifica os momentos mais duros da sua deportação. Sob o nº 119.104, Frankl, privado de toda e qualquer identidade, conheceu os horrores de Theresienstadt, Kaufering, Türkheim e Auschwitz. Ele chamou o período que ficou no campo de concentração de “Experimentum Crucis”. O documento mais significativo deste período de sua vida está no livro “Ein Psycholog erlebt das Konzentrationslager”, ou “Um Psicólogo no Campo de Concentração”, escrito em dezembro de 1945, poucos meses depois da sua libertação, sob a intensa emoção provada pela constatação da morte do pai, da mãe, da esposa e do irmão. Tomado pela dor, e ditando a sua história, procurou renascer.

Sua trágica experiência possui uma originalidade que deve ser ressaltada. Frankl se coloca do ponto de vista profissional, procurando objetivar ao máximo a matéria ali tratada. Mais do que um resumo das atrocidades do campo, é um documento sobre a anulação das pessoas que ali se encontravam, incluindo os capos e a SS. A questão da sobrevivência ética, sustentada pela convicção inquebrantável de que o homem pode, em qualquer condição de vida, encontrar um significado digno para a sua situação, foi para Frankl aquilo que Freud chamou de autoanálise. Foi a partir desse acontecimento que amadureceram em plenitude as convicções filosóficas e psicológicas que ele tinha elaborado. Pôde verificar, em si mesmo, a validade da sua tese principal: que o homem, para viver, tem necessidade, sobretudo, de significado.

Somente nos últimos meses de permanência no campo, Frankl prestou serviços de assistência médica aos poucos sobreviventes, atividade na qual reencontrou um mínimo de identidade profissional – embora, interiormente, nunca tenha renunciado à vocação de psicoterapeuta. Nos limites do possível, procurou se colocar à disposição de quem dele precisasse. A convivência com os companheiros de desventura se tornou, muitas vezes, ocasião para improvisar alguma intervenção terapêutica imediata, tu a tu, num diálogo veloz, mas incisivo. Porém, foi o desejo de reconstruir aquele seu manuscrito “desinfetado” no primeiro dia na barraca de desinfecção uma das motivações mais decisivas para a sua sobrevivência física e cultural. Em 1945, afetado também ele pelo tifo enchemático, passava a maior parte de suas noites acordado, colocando consigo mesmo e rabiscando palavras estenográficas em pequenos pedaços de papel, para se livrar dos delírios.

Uma vez, foi solicitado a improvisar uma terapia de grupo para os companheiros de barraca. Tinha sido um dia muito duro, porque a SS tinha decretado jejum aos 2.500 prisioneiros que se negavam a revelar o nome do colega que tinha roubado batatas na dispensa do campo. Os detentos preferiram jejuar a delatar o companheiro – que seria, com certeza, condenado. À noite, voltando para as barracas, todos estavam sem forças, prostrados. Faltou luz, e o desânimo e o mal humor eram evidentes. O chefe da barraca improvisou uma conversa cheia de bom senso, procurando convencer os colegas de que o perigo maior seria eles se darem por vencidos. E pediu a Frankl que expusesse seu ponto de vista. Frankl confessou que não se sentia em condições adequadas, mas não podia

fugir da sua responsabilidade. O relato desta terapia de grupo excepcional deixa transparecer a profunda humanidade de Frankl. Nela, encontramos todos os motivos que qualificam a Logoterapia como cura por meio do significado e como tomada de consciência do próprio ser sempre responsável. Frankl ajudou os companheiros a ver os motivos de esperança que ainda restavam naquela situação. Declarou abertamente que calculava 5% de possibilidade de sobrevivência, mas acrescentou que valia a pena tentar o tudo pelo tudo, porque o futuro não podia ser hipotecado e ninguém podia saber aonde este realmente levaria. Quanto ao passado, precisava recorrer a ele como a uma fonte de alegria: “Aquilo que realizamos na plenitude da nossa vida passada, na abundância de suas experiências, essa riqueza interior nada nem ninguém nos podem tirar. Mas não só aquilo que vivenciamos; também aquilo que fizemos, aquilo que de grandioso pensamos e o que padecemos, tudo isso salvamos para a realidade, de uma vez por todas. Estas experiências podem pertencer ao passado, justamente no passado ficam asseguradas para toda a eternidade! Pois o passado também é uma dimensão do ser, quem sabe, a mais segura” (Frankl – 1991, p. 80). Finalizando, disse que a vida está repleta de oportunidades para dotá-la de sentido. Falou ainda do valor do sacrifício. Disse que ele tem sentido em todo e qualquer caso.

O ‘Experimentum Crucis’ se concluiu no dia 27 de abril de 1945. Frankl tinha acabado de fazer 40 anos. Nos seus 25kg, pesava-lhe toda a experiência de sofrimento vivida naqueles anos, porém, a primeira coisa que fez ao sair do campo foi cair de joelhos por um longo tempo. Não soube quanto tempo

ficou ali, a entregar a Deus todas as lembranças atroztes do que sofreu, assim como seus companheiros, mas, ao se levantar, percebeu, pelas marcas no joelho, que tinha sido um longo tempo. Mas sentia-se leve, alguém pronto para enfrentar uma nova e difícil etapa.

Após a saída do campo, Frankl decidiu ficar em Viena, pois nunca aceitou o esquema da culpa coletiva. Nos primeiros meses de 1946, reelaborando as anotações estenográficas feitas na barraca do campo, escreveu o livro “Arztliche Sulsorge” dedicado a Tilly. A primeira edição esgotou-se em três dias; a segunda, em três meses. No mesmo ano, o livro foi editado três vezes.

Em 1947, a direção da Policlínica de Viena encarregou Frankl de dar um curso para jovens médicos. As aulas foram agrupadas no volume “Die Psychotherapie in der Praxis”, levando o médico a se abrir às problemáticas existenciais do paciente, já que essas se relacionam com a sua saúde. Em 1948, conseguiu o doutorado em Neurologia e Psiquiatria e retomou a atividade de conferencista. A exigência de harmonizar teoria e prática foi uma constante preocupação na sua metodologia; visava re-humanizar a medicina, sustentando que no relacionamento clínico era preciso estar atento a todas as dimensões da personalidade humana. Em 1948, publicou “Der Unbewusste Gott”, que lhe permitiu a Láurea em Filosofia. Nessa tese, defende que, no homem, não existe somente um Inconsciente Instintivo, como dizia Freud, mas também um Inconsciente Espiritual. Em 1949, com “Der unbedingte Mensch” criticou sistematicamente o fisiologismo, e, em 1950, com “Homo Patiens”, estendeu sua crítica ao psicologismo e

ao sociologismo. Procurou dar uma interpretação humanística ao sofrimento, diante do qual o doente não deve se tornar somente um ser passivo, mas ter, com a ajuda médica, uma atitude digna e motivada.

Entre 1951 e 1955, foi convidado para dar inúmeras conferências pelo rádio, as quais depois foram recolhidas no volume “Pathologie des Zeitgeistes”. Naqueles anos, usava o termo “vazio existencial” – que, a seu ver, estava se tornando o mal do século, uma espécie de epidemia coletiva que consistia na perda progressiva dos valores e do significado da vida. Essas conferências tinha muita audiência, tornando-se uma espécie de terapia coletiva sobre o significado do trabalho, do amor, da doença, do sacrifício e da morte. A experiência clínica e a pesquisa científica fizeram com que Frankl repensasse o fenômeno neurótico. A partir dessa reflexão, em 1956, ele publicou o seu trabalho mais sistemático: “Theorie und Therapie der Neurosen”. Nele, está também documentada a sua descoberta mais original: não existem somente neuroses somatogênicas e psicogênicas, mas também neuroses noogênicas.

A Logoterapia se difundiu rapidamente pela Europa, América e Ásia, obtendo adesão no meio científico. Encontrou muitas críticas por parte de terapeutas e médicos que ainda não descobriram que o homem, mesmo aquele doente e que sofre, para viver, precisa sobretudo de significado. Ela assessora a ciência que se preocupa com o homem de forma integral, para que ele integre seu sofrimento e se cure.

Frankl faleceu no dia 2 de setembro de 1997, em Viena, de um colapso cardíaco, deixando um grande pesar não só para aqueles

que conviveram com ele, mas para toda a humanidade. Ao mesmo tempo, sabemos que a sua vida, plena de sentido, e o seu estudo, pleno de amor pelo homem, continuará a iluminar o caminho de muitos.

IDEIAS CENTRAIS DA LOGOTERAPIA

A Logoterapia é uma psicoterapia centrada na busca do sentido da vida. Este sentido “subsiste na intimidade de cada santuário interno, apesar do sofrimento e da enfermidade, como uma espécie de vocação adormecida na criatura humana, sempre potencialmente missionária. (...) Dos recantos deste santuário, emerge uma voz clamando por um sentido, nascido das profundezas de cada ser e alojando uma intenção. A intenção assume uma função dinâmica, ou seja, o sentido deixa de ser estático e começa a ser um ‘movimento para’. A criatura humana é como a semente que traz em seu interior um código preservador de sua identidade e assegurador do crescimento perfeitamente organizado. Além desta programação determinada por códigos genéticos, há, no caso humano, uma característica peculiar que é a sua capacidade de assumir a direção de seu destino. Isso acontece por força de sua consciência, da capacidade de ser livre e assumir responsabilidades, coisa que proporciona e faculta ao homem uma transcendência em relação ao Destino aprioristicamente determinado e faz dele uma criatura sem destino, porém dona de um sentido pessoal e intransferível, que o eleva acima dos condicionamentos” (GOMES. 1988, p.32).

A Logoterapia vê o homem como um ser bio-psico-sócio-espiritual, resgatando a verdadeira essência do ser homem, sem reduzi-

lo. Frankl reconhece, portanto, no homem, a sua dimensão noética, a ilimitada resistência do espírito que tem poderes para escolher em liberdade. A vivência de Frankl nos campos de concentração e a dor física e psicológica que sofreu proporcionaram-lhe a descoberta de que a pessoa humana pode conservar sua liberdade espiritual, que é um estado interior.

A Logoterapia valoriza o sofrimento. Se a vida tem sentido, afirma Frankl, então o sofrimento é rico de significado, pois o sofrimento e a morte são partes da vida. Daí, Frankl elaborou a sua Tríade Trágica (a perda, a culpa, a morte). Não há como sobreviver sem reconhecer o sentido escondido em cada momento de dor.

A Logoterapia vê a vida em seu caráter de missão. A vida propõe tarefas a cada homem, e o esforço para a sua realização é o que lhe confere um sentido. Encarando a vida como um projeto que contém uma missão, cada um se vê chamado para uma tarefa diferente, pessoal e específica, e cada situação pede uma resposta única.

A consciência, para a Logoterapia, é o órgão do sentido. Frankl acredita que o homem é a única criatura capaz de decidir o que deseja ser. Além de viver, o homem pode decidir qual será a sua forma de viver. É por meio da consciência que o homem usa a sua responsabilidade. Ser responsável é ser capaz de dar respostas ou de responder frente à própria vida. Frankl considera cada pessoa como um ser único neste mundo, não só no que se refere aos seus traços pessoais, mas também quanto à missão particular de sua vida. Na Logoterapia, a consciência é compreendida de três modos:

consciência ética (como capacidade para intuir o caminho do ser humano); consciência ontológica (como capacidade de intuir o dever-ser do homem); consciência estética (como capacidade de intuir a beleza e o bem máximo de cada pessoa).

A Logoterapia trabalha com a realização de valores. Na medida em que vive, o ser humano escolhe valores, e isso acontece durante toda a sua vida, a cada instante e sempre. Frankl os classifica em três categorias: os valores criativos (pelos quais o homem dá algo ao mundo); os valores vivenciais (pelos quais o homem recebe algo do mundo); e os valores atitudinais (frente ao sofrimento).

ELO ENTRE A VIVÊNCIA DE FRANKL E DE CHIARA LUBICH



„Entre milhares de possibilidades, que a existência oferece, escolher a melhor: Deus como Ideal da vida“ (Lubich, 2001).

„Encontrei o significado da minha vida ajudando os outros a encontrar em suas vidas um significado“ (Frankl, 1990).

Para oferecer uma análise teórico-empírica da aproximação entre as perspectivas de Frankl e de Lubich e as suas úteis contribuições, consideremos a profunda experiência que ambos vivenciaram na Segunda Guerra Mundial. Uma concepção ateia e secularizada da vida e do mundo foi aos poucos penetrando na humanidade, dando origem à negação absoluta de Deus, dos valores e também do ser humano. Uma busca angustiada do sentido da própria existência era cada vez mais evidente: por que existo? Por que vivo?

A imagem de Deus era imóvel, impossível, distante. Apagara-se da consciência de muitos cristãos a ideia do Deus-Amor que o apóstolo João havia anunciado. Muitos santos, místicos e místicas haviam transmitido a própria união com Deus e a experiência do Seu infinito amor. Porém, refletiam uma espiritualidade prevalentemente individual. Surgiam novas exigências espirituais, caracterizadas pela intensificação dos relacionamentos interpessoais e da interdependência entre os povos.

OBRA DE CHIARA LUBICH

O Movimento dos Focolares (ou Obra de Maria) nasceu como fruto da experiência espiritual de Chiara Lubich (1920-2008), sua fundadora e presidente até 2008, quando faleceu, em 14 de março. “É um dos movimentos eclesiais contemporâneos mais importantes, devido ao seu forte cunho espiritual, à vasta difusão no mundo e à rica composição de secções e obras a sua volta”. (Dizion. Enciclop. di Spiritualità, vol.2, pl 1014, Roma 1990). Lubich recebeu o título de Doutor Honoris Causa de 13 universidades do mundo.

HISTÓRICO E IDÉIAS CENTRAIS DA SUA ESPIRITUALIDADE

Para apresentarmos Lubich, utilizamos o discurso proferido por ocasião do conferimento do título de Honoris Causa em Letras (Psicologia), pela Universidade de Malta, em 26 de fevereiro de 1999. Esse doutorado foi conferido a Chiara Lubich em reconhecimento pela relevante contribuição no campo do pensamento humano, por ter traduzido em práxis e método de investigação o núcleo da mensagem cristã e por ter fundado um modelo de vida espiritual caracterizado pelo respeito à individualidade da pessoa e à reciprocidade dos relacionamentos interpessoais, assim como pelo conceito positivo da dor.

O conhecimento de Chiara e seu carisma da Unidade passam pela sua história: nasceu na cidade de Trento, norte da Itália, e ali viveu com a sua família. Em 1944, já adolescente, sonhava em estudar filosofia, enquanto suas amigas imaginavam como seria casar-se e conhecer países diferentes, entre outros sonhos característicos da idade.

Com o advento da Segunda Guerra Mundial, os sonhos de Chiara caíram por terra. Ela se refere a este período dizendo: “Era 1943. A guerra enfurecia também em Trento. Ruínas, escombros, mortes”. (LUBICH, 2001, p.44). Com o desmoronamento de todas as coisas, também os sonhos daquelas jovens se desfizeram – e elas compreenderam que tudo passa.

Porém, todas se perguntaram: haverá um ideal pelo qual vale a pena lutar e que nenhuma bomba pode destruir? A resposta imediata foi: Sim, existe, esse ideal é Deus. E, assim, aquelas

moças decidiram escolher Deus como Ideal de suas vidas. Um Deus que descobriram AMOR. E anunciaram a todos que Deus é amor e que nos ama imensamente.

Mas um Amor tão grande requer uma resposta de amor. No Evangelho, encontraram: “Não é quem diz Senhor, Senhor, mas quem faz a minha vontade, este é que me ama” (Mateus 7,21). A meta passou a ser fazer a Vontade de Deus. E perceberam que a vontade de Deus se manifesta de muitas maneiras, sobretudo no amar as pessoas que estavam ao seu lado, no momento presente da vida.

Haveria uma vontade de Deus que agradaria particularmente a Jesus? “Este é o meu mandamento: amai-vos uns aos outros como eu vos amei, ninguém tem maior amor do que aquele que dá a vida pelos seus amigos” (João 15,12-13). Amor recíproco, que gera a Unidade e a presença de Jesus. “Pai, que todos sejam um para que o mundo creia” (João 17, 11-21) foi a magna carta do Movimento que nascia – Movimento dos Focolares: viver para que realize este pedido ao Pai.

Quando soavam as bombas, elas corriam para os refúgios e levavam consigo o Evangelho. Assim, descobriram que a Palavra de Deus, universal, atemporal, contém um código que responde a todas as exigências da humanidade. A Palavra deveria ser vivida: “dai e vos será dado” (Lucas 6,38); “tudo o que fizeres ao menor dos meus irmãos, a mim o fizestes” (Mateus 25,40); “pedi e recebereis” (Lucas 11,9). Viviam à risca cada uma destas palavras e adquiriam uma alegria nova, uma força, uma luz para as situações.

Uma vez, perguntaram a um sacerdote qual foi o momento em que Jesus mais sofreu. A resposta foi: no calvário, quando gritou “Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?” (Mateus 27,46). Se foi este o momento em que Jesus mais sofreu, quiseram que suas vidas fossem uma resposta a este grito. Buscando-o sempre, depararam com inúmeras situações de divisão – nas famílias, nos ambientes de trabalho, entre cristãos... Queriam sanar a dor das separações, das divisões.

Uma palavra importante foi “Quem vos ouve, a mim ouve” (Lucas 10,16), que pedia o respeito e a adesão à hierarquia da Igreja. Por isto apresentaram-se ao Bispo de Trento prontas a desistir de tudo se este não estivesse de acordo com o estilo de vida que adotaram. A resposta foi que o dedo de Deus ali estava.

Em pouco tempo muitas pessoas quiseram segui-las. Quando a guerra terminou, havia já em Trento 500 pessoas identificadas com a vida daquelas moças. Aos poucos, o Movimento foi se difundido de norte a sul da Itália. Em 1958, chegou aos cinco continentes. Em 1960, evangélicos quiseram compartilhar aquela experiência; depois, pessoas de outras religiões quiseram estar em contato com elas e, em seguida, também pessoas que não possuíam um referencial religioso, mas que queriam compartilhar seus valores: amizade, fraternidade, honestidade e justiça, entre outros.

Hoje, o Movimento dos Focolares está presente em 182 países.

Os pontos fundamentais da Espiritualidade da Unidade são: Deus Amor, a Vontade de Deus, o amor ao próximo, o amor

recíproco, a Unidade, Jesus Crucificado e Abandonado, Viver a Palavra, imitar Maria. A vivência dos pontos da Espiritualidade Coletiva que promove a Cultura da Unidade por milhares de pessoas em todo o mundo, de todas as idades e de várias condições, demonstrou que houve um enriquecimento não só espiritual, mas também nos aspectos psicológicos e educativos, ou seja:

Ter a certeza de que Deus é Amor proporciona a base da segurança psicológica que dá sentido à vida.

Harmonizar a própria vontade com uma Vontade transcendente libera o eu dos condicionamentos interiores e exteriores.

Amar o outro como a si mesmo é o único relacionamento que não é violento ou condicionante.

Afirmar o outro, por escolha livre, ainda que a custo da própria vida, é ser verdadeiramente pessoa.

Dar um sim ao sofrimento, como fez Jesus na cruz, permite que a natureza humana atinja o divino.

Saber esvaziar-se e despojar-se para enriquecer-se na comunhão com os outros integra o eu.

Formar a comunidade pela natureza do amor e pelo dom aos outros cria comunhão.

Portanto, a espiritualidade coletiva possui um modo original comunitário de ir a Deus: unidos em Cristo, segundo as palavras de S. João: “Como tu, Pai, estás em mim e eu em Ti, estejam também eles em nós” (Jo 17,21).

Visa à unidade na diversidade, e, em Lubich, se tornou estilo de vida (www.focolare.org/it/chiara-lubich/spiritualita-dellunita). A “cultura da unidade” que nasce do “carisma da unidade” (<http://www.focolare.org/it/chiara-lubich/vivere-il-carisma/>) conduz a pessoa que a ela adere à plena realização das suas potencialidades humanas, à luz dos princípios do Evangelho.

APRESENTAÇÃO DAS HISTÓRIAS DE VIDA

Em 26 histórias de vida analisadas, das quais 17 vieram da América Latina, foi possível constatar que a vivência das chamadas ideias centrais da espiritualidade comunitária proporcionou às pessoas um despertar para os valores vivenciais, criativos e atitudinais. Eis alguns detalhes:

História de vida 01

A frase que ilustra esta história de vida é **“Amar é querer o bem do outro e não só querer bem ao outro. Amar é a capacidade de se dar e viver o outro numa relação de gratuidade.”** (IGLESIA, Martha, 22/23-09-1995 – Anotações durante o Curso de Formação em Logoterapia - IV Etapa).

Mulher jovem falecida em um acidente automobilístico de maneira inesperada. Desde criança, vivia a Espiritualidade Comunitária do Movimento dos Focolares. Sua vida foi toda permeada pelo desejo de amar concretamente. Realizava com competência e criatividade o seu trabalho como professora de ensino religioso, empenhando-se em formar integralmente seus alunos, consciente de que estava preparando a sociedade de amanhã. Uma jovem afirmou: “Ela

foi uma mãe para mim. Quando eu era adolescente, num momento de muitas dúvidas e dificuldades, ela viajou oito horas até a minha cidade para falar comigo. Ela havia percebido aquilo que nem minha mãe se dera conta. Nunca esqueci nem esquecerei aquela sua disposição em dar a vida”.

Essa jovem mulher era vítima de um determinismo físico, um problema auditivo que mantinha um contínuo, forte e estridente rumor em seu cérebro, “como se vivesse em uma fábrica em plena atividade”. Tal disfunção provocava grande cansaço, mas não a impediu de realizar valores atitudinais. Certa vez, escreveu em seu diário: “Esse barulho é como a campainha que me mantém continuamente unida a Jesus, o meu Esposo, que mantém vivo aos meus sentidos o Seu grito de abandono. E amá-Lo significa viver continuamente fora da minha dor, dando a todos só o fruto dessa convivência secreta com Ele: a festa, a alegria, o repouso, o dom... Às vezes, fico envergonhada por ter que dizer que não escutei... mas é tudo amor e digo a Jesus que é preferível não escutar as vozes humanas, mas saber sempre escutar a voz de Deus no meu coração que me chama a ser aquele sacramento tangível do Seu Amor por cada pessoa”.

História de vida 02

“Em nossa época, a educação precisa se preocupar não só em transmitir conhecimentos, mas também em aprimorar a consciência, para que o ser humano possa aguçar o ouvido a fim de captar a exigência inerente a cada situação em particular.” (Lukas, 1990, p.72 – Mentalização e Saúde – citando Frankl).

Casal de Recife, já ancião, deixa o conforto de uma vida de aposentadoria e se transfere para a Cidadela Santa Maria, onde fundam uma escola com mais de 300 alunos carentes. Aos pequenos ali atendidos, o casal deu não só a possibilidade de instrução formal e de profissionalização, mas a experiência de uma vida divina, fruto do amor recíproco.

Iracema nos diz: “Conheci o Movimento dos Focolares e, por meio de sua espiritualidade, tive uma nova visão do trabalho. Entendi que ele é parte da atividade criadora de Deus e, assim, passei a ver e a viver o trabalho segundo o Seu desígnio de amor, como uma ocasião de estar a serviço dos outros”. A partir dessa percepção, o casal enfrenta um novo modo de educar, diante de uma realidade diversa: crianças pobres, desnutridas, mal vestidas, sem motivação para o estudo, filhos de pais desconhecidos, de famílias numerosas, famintas, analfabetas.

Com a ajuda de todos, a escola cresce rapidamente. “Aprendi muito com o pobre. Ele sente a necessidade do outro e a assume com todas as forças: compartilhar a colheita de batatas; usar o dia de repouso para arrumar a casa do outro; inscrever na escola os filhos da vizinha... e a criatividade fazia surgir hortas, trabalhos artesanais etc. Um dia, me comovi ao ver Hercílio, meu marido, que ensinava um adolescente a ser engraxate, lustrando sapatos. Tudo isso para mim é um verdadeiro testemunho de que vale a pena não parar na inatividade, mas contemplar aquilo que pode ser feito entre as diversas gerações e povos unidos em vista da promoção humana”.

Ele, advogado, aprendeu a simplicidade do relacionamento imediato com aquela gente

sincera, sofrida, porém digna. Quantas vezes, debaixo de uma árvore, desenvolvia colóquios com adultos e jovens para fazer-lhes entrever, no final, uma possibilidade de vida nova? Outras vezes, saía com sacolas estrada a fora, pelo campo, para levar uma feira para uma família cujo marido tinha ido embora à procura de trabalho.

A frase que ilustra sua experiência pode ser esta: “Uma característica da existência humana é a sua transcendência. E o homem transcende não só o meio ambiente em direção a um mundo, ao mundo, mas também o seu ser em direção a um dever”. (Frankl, 1991, p.62)

História de vida 03

“Cada situação é um apelo, primeiro a ser escutado, depois a ser respondido.” (Frankl, 1989, p.54).

Cristiano é um jovem fruto da Escola Santa Maria. Desde criança, experimentou a miséria. Vivia em casa de taipa com dez irmãos, pai alcoólatra (que se suicidou quando ele tinha 21 anos) e mãe servente e cozinheira da escola. O menino, que trabalhava desde os 7 anos de idade, passou a estudar onde a mãe trabalhava. “Minha mãe tinha prazer de ser cozinheira da escola. Passou a conhecer e a participar da comunidade que vivia a Espiritualidade da Unidade. Esta escola me preparou para enfrentar uma vida lá fora”.

A assimilação da Espiritualidade da Unidade aconteceu para ele de forma pedagógica. Quando o pai suicidou-se, ele entrou em depressão, mas não se deixou vencer por ela. “Orientaram-me para ir a um psiquiatra.

Passei a tomar remédio controlado, que me provocava tonturas. Deixei por conta própria aqueles remédios. (...) Nunca deixei de viver na esperança e de acreditar no amor. (...) É preciso escutar a voz da consciência para evitar danos na nossa vida”.

Ele, que já tinha trabalhado como catador de lixo reciclável, vendedor ambulante e era jardineiro, passou a ser incentivado pela comunidade a fazer faculdade. As pessoas que o rodeavam perceberam nele o talento para a arte, com grande capacidade criativa no que diz respeito a desenhos técnicos, elaboração de estruturas e perspectiva. Hoje, ele é arquiteto. “Com pensamento no futuro, sinto-me amadurecido por ter passado por todas estas provações que passei. Sei que ainda enfrentarei mais. É assim o desafio que a vida oferece, mas temos que vencê-los. Sou sempre grato a Deus pelos bons e maus momentos que tive que passar, pois fazem parte da vida de cada um, e todos teremos uma história para contar”.

História de vida 04

“Sofrimento de certo modo deixa de ser sofrimento no instante em que encontra um sentido, como o sentido de um sacrifício.” (Frankl, 1991, p.10).

Tendo nascido com as pernas dobradas, era obrigado a arrastar-se pelo chão. Sua família, vivendo em estado de extrema pobreza, não teria condições de buscar os recursos necessários para a sua cura. Aos 10 anos, entrou em contato com outros meninos que vivem a espiritualidade da Unidade, descobriu o sentido do sofrimento e tornou-se o elo de união em casa. Ao mesmo tempo, pôde experimentar o amor de vários

adolescentes do mundo inteiro que, movidos pelo desejo de amar, realizaram uma verdadeira comunhão de bens mundial, de modo que ele pôde se submeter a cinco cirurgias e hoje já consegue caminhar. Ele mesmo nos conta como começou a viver as palavras do Evangelho: “Minha mãe estava doente e, na cozinha, havia muito prato para lavar. Tive o desejo de lavá-los para ela, porém como não conseguia ficar em pé, não consegui fazê-lo. Pensei que com uma cadeira conseguia, mas ainda assim não foi possível... então fui ao quintal, peguei duas vasilhas com água, coloquei-as no chão e assim, consegui lavá-las”.

Quando foram iniciados os preparativos para a operação, constataram a necessidade de não somente uma, mas cinco cirurgias. Além de ser muito mais caro, isso requereria mais paciência e coragem. Ele disse: “Vou oferecer as dores que sentirei durante a operação a Jesus, por todos aqueles que sofrem. Não importa se conseguirei caminhar ou não. O que me importa é fazer a Vontade de Deus”.

Contribuições continuaram a chegar de vários pontos do mundo. Dois meninos de rua que trabalharam tomando conta de carros na porta de uma igreja levaram toda a quantia que ganharam em um domingo para ele. E as operações foram acontecendo.

Pela primeira vez em sua vida, ele pôde se colocar em pé. Teve até um pouco de medo, pela novidade da experiência, mas hoje caminha normalmente.

História de vida 05

“Não há situação na vida que realmente seja sem sentido. Atribui-se isto ao fato de que os aspectos aparentemente negativos da existência humana – em particular aquela tríade trágica que reúne sofrimento, morte e culpa – também podem ser transformados em algo positivo, numa realização, se se vier ao encontro deles com atitude e postura correta.” (Frankl, 1984, p.32).

Nascida em 1946, faleceu de câncer em outubro de 1994, deixando marido e cinco filhos. Alguém a definiu como “a mulher forte do Evangelho”. Sua vida imbuída de valores vivenciais e atitudinais encontrou plenitude também nos momentos de dor e sofrimento. Referindo-se ao momento em que conheceu o Movimento dos Focolares, afirmou: “A minha vida teve outro sentido”. Consagrou-se a Deus em seu estado matrimonial, ciente de que aquele era o lugar que lhe fora preparado desde sempre pelo amor de Deus. Através de sua vivência, seu marido conheceu também o Movimento dos Focolares. Assim, puderam viver no amor recíproco que gera a presença de Jesus no meio deles.

Em 1992, recebeu a notícia de que tinha câncer. “Quando recebi o resultado dos exames, tremi de medo... Mas, por uma graça especial do momento, imediatamente me refiz e disse a Jesus: ‘Eis-me aqui. És Tu Senhor, o meu único Bem’”. A partir daí, em meio a todos os tratamentos a que deveria se submeter, conservou o seu amor por todos e não se apoiou na doença como desculpa – pelo contrário, adotou uma atitude de muitas iniciativas em

favor do próximo. Poucos meses antes de seu falecimento, organizou uma grande festa na paróquia de sua cidade natal, angariando fundos para conseguir roupas e alimentos para os necessitados. Dizia: “o meu único desejo é morrer em Jesus e ser fiel até o fim”.

Internada por mais de um mês em um hospital, recebeu, com sorrisos e agradecimentos, as inúmeras visitas que teve. Suas últimas palavras refletiram o quanto se sentia agradecida pela sua vida: “Sou uma pessoa muito feliz. Tenho uma família maravilhosa e sou muito amada por Deus”. Partiu serena ao encontro do Pai, rodeada pelos filhos e pelo marido.

História de vida 06

“... não podemos colocar valores numa vida se a respectiva pessoa não desenvolver a sua capacidade de vislumbrar aqueles valores que, o tempo todo, já existiam dentro e fora da sua vida.” (Lukas, 1992, p.46).

Psicóloga, 27 anos, nunca conheceu seus pais naturais. Adotada logo cedo, soube que foi rejeitada desde a gravidez e que a mãe queria matá-la logo que nasceu. Seu pai era estrangeiro, e a gravidez foi fruto de um programa. Assim se expressa: “Também com minha família adotiva não foi muito fácil, pois perdi o meu pai com apenas 3 anos de idade. Com o passar do tempo, fui percebendo que a minha mãe adotiva não me aceitava muito bem e que a decisão de me adotar tinha partido apenas de meu pai. Nosso relacionamento não era dos melhores, também porque existia uma grande diferença de idade entre nós, de 65 anos. Quando comecei a entrar

na adolescência, a situação familiar se tornou um pouco mais difícil, porque eu já não conseguia escutar tudo calada. Minha mãe não permitia que eu expressasse o que sentia... Dizia que filho de gatinho é gatinho, e eu continuava a me sentir rejeitada. Foi justamente nesse momento mais crítico de minha vida que conheci o Movimento dos Focolares. Ajudada pelas pessoas do Movimento, podendo me abrir totalmente com elas, compreendi que eu devia viver a minha vida com dignidade, sem me deixar abater pelos momentos dolorosos, porque também Jesus tinha se sentido abandonado, portanto, ninguém melhor do que Ele poderia me entender profundamente... Entendi que não poderia ficar esperando pelo amor de minha mãe, mas que deveria amá-la primeiro, descobrindo a forma como ela gostaria de ser amada”. A sua postura provocou uma mudança ao seu redor e fez nascer um novo relacionamento com a mãe que, antes de morrer, pediu-lhe perdão por tudo.

Sobre a visão que tinha de si mesma, relata: “O encontro com o Movimento dos Focolares me ajudou a não me ver como vítima, mas como pessoa capaz de amar e ser amada. Hoje, encontro pessoas que viveram situações parecidas com a minha e posso ajudá-las, porque sou uma pessoa alegre e espontânea. Depois de escutá-las, conto o meu segredo: antes de tudo, confiar plenamente no amor de Deus; depois, enfrentar as dificuldades, porque é justamente nelas que encontramos forças propulsoras que nos ajudam a amadurecer como pessoa, sem, no entanto, deixar de pensar em nós mesmos”.

História de vida 07

“Amar significa poder dizer ‘tu’ a alguém. E não significa apenas poder dizer ‘tu’ a uma pessoa, mas ainda dizer ‘sim’ a ela: portanto, não somente ocupar-se dela em sua essência, em sua singularidade e unicidade, mas reconhecê-la em seu valor intrínseco. Ver um ser humano não apenas em seu ser-assim-e-não-de-outro-modo, mas, acima de tudo, ver o seu poder-ser e o seu dever-ser. Vale afirmar: não vê-lo só como efetivamente é, mas ainda como possa vir a ser e deva ser. Em outras palavras, usando a bela frase de Dostoiewski, amar significa ver a outra pessoa assim como Deus a pensou.” (Frankl, 1991, p.78).

Considerado o cofundador do Movimento dos Focolares, italiano, ex-combatente, escritor, historiador, literata, vivenciou de forma profunda, em sua vida familiar, o verdadeiro sentido do amor pelo outro. Por meio dele, foi aberta a todos os casados a possibilidade de uma consagração totalitária a Deus, o que era reservado, até então, somente aos virgens.

Destacamos, dentre os seus inumeráveis méritos, a sua experiência de casado. Teve quatro filhos, amava sua esposa e sentia-se amado por ela. Porém, quando conheceu os Focolares, começou a ter uma grande atuação no movimento, o que fez sua esposa sentir que “estava subtraindo uma parte do amor à família para dá-lo aos outros”. Ele, então, disse-lhe que sua visão do amor cristão era totalmente errada, fruto da mentalidade daquela época. “O amor não tem limites, mas possui uma amplidão sem confins. Mais pessoas amamos, mais sentimos

necessidade de amar. Era o que procurava explicar-lhe: desde que conheci essas criaturas, amo mais você, amo mais os nossos filhos, sinto-me mais interessado por tudo o que lhe agrada, porque compomos uma unidade. O ideal do focolare nos ensina que o vértice da perfeição é a unidade, mas em minha casa começava a gerar a divisão... E frequentemente nasciam divergências entre nós, discussões, brigas por vezes fortes, nós dois perdíamos a paciência. E eu dizia: como é difícil amar!”.

Mas ele perseverava, insistia em sua postura de amar. Passados alguns anos, sua esposa adoeceu gravemente, ficou por dois anos fazendo um tratamento intensivo que a obrigava a ficar internada. Ele ficou ao seu lado. “De tanto amar, tornamo-nos um. Para mim, o sofrimento de minha mulher era o meu sofrimento”. Um dia, sua esposa lhe disse: “Ninguém me ama como você”. E começou a se comportar de forma a agradar o marido, inclusive reaproximando-se da Eucaristia, porque sabia que isto lhe faria contente. A esposa faleceu. Em meio ao sofrimento da partida, ele se sentiu em paz e feliz por vê-la morrer reconciliada com Deus, tranquila, calma, mesmo na dor.

Ele faleceu em 1980. Atualmente, está em processo de beatificação.

IDENTIFICAÇÃO DE TÉCNICAS QUE FORAM UTILIZADAS NAS HISTÓRIAS DE VIDA APRESENTADAS PARA TORNAR A VIDA PLENA DE SENTIDO

Em contato com as histórias de vida apresentadas, vimos realizados os valores apresentados por Frankl como caminhos para o sentido e identificamos a pedagogia utilizada

para que as pessoas realizassem os valores em uma resposta dada por Chiara Lubich a professores e alunos da Universidade de Lublin, na Polônia, em 20/06/96:

“A nossa pedagogia provém do Evangelho. Nós vemos Jesus em todos, porque ele está escondido em todos, e procuramos tratar todos como se fossem Jesus. Esta é a melhor pedagogia com a qual respeitamos e consideramos as pessoas e também tentamos compreendê-las. O amor é serviço, mas o serviço significa fazer-se um com o próximo. São Paulo diz: ‘Fazer-se fraco com os fracos, fazer-se tudo a todos’ (cf. 1Cor 9,22). Portanto, a pedagogia do Movimento é a sua própria vida, é a sua espiritualidade: procuramos ver Jesus em cada pessoa, fazendo-nos um com ela, tomamos a iniciativa de amá-la e amamos a todos. Isto é, não fazemos distinção entre um grupo e outro. Todos são Jesus, um Jesus diferente do outro, mas sempre Jesus. Ao fazermos-nos um, entramos no outro, procuramos realmente amar usando o sistema – digamos – da Santíssima Trindade, no qual uma pessoa se anula diante da outra e... nela se realiza. É assim que procuramos ‘fazer-nos um’, no sentido de que entramos na pele do outro para compreendê-lo. Essa atitude o faz despertar não só para uma vida humana bela, mas também para a vida da graça, porque compreende. O nosso é um modo sobrenatural de tratar as pessoas, as quais se conscientizam e se autorrealizam. É um modo magnífico de realizar as pessoas. De certa forma é a pedagogia de Jesus. Gostaríamos que fosse também a nossa

e espero que seja um raio de luz para todas as pedagogias.” (Lubich. 2001. p. 265-270).

CONCLUSÃO

Fazer esse estudo foi um grande enriquecimento para nós. Pudemos fazer um paralelo entre o nosso ser e dever-ser enquanto pessoas e psicoterapeutas. Percebemos que temos um longo caminho a percorrer, e isso nos deu um novo impulso e sentido de viver. Constatamos a beleza e a riqueza dos valores cristãos, mergulhando na fonte que jorra inesgotavelmente do carisma da Unidade. Vimos a grande consonância existente entre a obra de Frankl e o que foi apresentado. Assim como a Logoterapia não pretende substituir as psicoterapias, mas, isso sim, complementá-las e humanizá-las, a Espiritualidade Comunitária de Lubich não pretende substituir os outros carismas, mas vivificá-los e clarificar as realidades humanas. Gostaríamos que esta contribuição pudesse também estimular novos trabalhos, a fim de aprofundar o que foi iniciado. Agradecemos a Viktor Frankl pela extraordinária capacidade de captar as necessidades espirituais do ser humano e pelo indizível bem que fez – e seguirá fazendo – pela humanidade, especialmente pela humanização da psicoterapia. Agradecemos a Chiara Lubich pela espiritualidade da unidade, fruto da sua experiência de vida, verdadeiro elemento restaurador para a saúde psíquica de muitos, além da espiritual, pelo carisma que embeleza a Igreja e engrandece a humanidade.

REFERÊNCIAS

- A Bíblia de Jerusalém (1992) São Paulo: Ed. Paulinas.
- Aquino, T. A. A. A. (2013). *Logoterapia e Análise Existencial – uma introdução ao pensamento de Viktor Frankl*. São Paulo: Paulus.
- Fizzotti, E. Razzi, T. (1986) *Guida alla Logoterapia per una psicoterapia Riumanizzata* – Roma.: Citta Nuova Editrice.
- Frankl, V. E. (1989a) *Psicoterapia e sentido da Vida*. Trad. De Alípio Maia de Castro . 3ª edição - São Paulo: Quadrantes.
- Frankl, V. E. (1989b) *Um sentido para a vida: Psicoterapia e humanismo*. Trad. de Victor Hugo Oliveira. Aparecida - São Paulo: Santuário.
- Frankl, V. E. (1990a) *Dar sentido à vida* - Trad. de Antonio Estêvão Allgayer - Ed. Vozes - Petrópolis em co- edição com a editora Sinodal - São Leopoldo.
- Frankl, V. E. (1990b) *A questão do Sentido em Psicoterapia*. Tradução de Jorge Mitre. Campinas: Papirus.
- Frankl, V. E. (1991a) *A Psicoterapia na Prática*. Trad. De Cláudia m. Caon. Campinas : Papirus.
- Frankl, V. E. (1991b) *Psicoterapia para todos*. Trad. Antonio Estêvão Allgayer. 2ª edição. Petrópolis: Vozes.
- Frankl, V. E. (1991c) *Em busca de sentido. Um psicólogo no campo de concentração*. São Leopoldo. Sinodal/Petrópolis: Vozes.
- Frankl, V. E (1993) *A presença ignorada de Deus*. Petrópolis: Vozes.
- Frankl, V.E. (2006) *Lo que no está escrito en mis libros: Memorias*. Buenos Aires: San Pablo.
- Giordano, P.(1992) *Logoanalisi Personalità e senso della vita*. Roma: Città Nuova.
- Giordano, I. (1981) *Memorie d'un Cristiano Ingenuo* – Roma: Citta Nuova Editrice.
- Giordano, I. (1986) *Diario de Fogo, Igino Giordani 1894-1980*). São Paulo: Editora Cidade Nova.
- Gomes, J.C.V. (1988) *A prática da psicoterapia existencial*. Petrópolis: Vozes.
- Guberman, M. Soto, E. P. (2005) *Diccionario de logoterapia*. Buenos Aires: Lumen Hvmantas.
- Herrera, G. P. (1989) *Viktor E. Frankl - Comunicación y resistencia* - 2 Edição - México – Puebla: Premia Editora.
- Hermmele, K. (1994). *Tesi di ontologia trinitaria - per un rinnovamento del pensiero cristiano* – Roma: Citta Nuova.
- Langle, A. (1992) *Viver com Sentido - Análise Existencial Aplicada - Guia para Viver* - Tradução do Holga Hinkenickel Reinhold , Petrópolis: Editora Vozes.
- Lubich, C. (1979) *Chiara e cristãos do mundo inteiro - Palavras Vivas* - São Paulo: Editora Cidade Nova.
- Lubich, C. (1979a) *A Palavra que se faz vida* - São Paulo: Editora Cidade Nova.
- Lubich, C. (1979b) *Cristo no Outro* - São Paulo: Editora Cidade Nova.
- Lubich, C. (2005) *L'Arte di Amare* – Roma: Città Nuova.

- Lubich, C. (2001) *Chiara Lubich – la dottrina spirituale*. Milano: Arnoldo Mondatori Editore.
- Lukas, E.S. e Eberle, M. M. (1993) *Tudo Tem Seu Sentido - Reflexões Logoterapêuticas* - Trad. de Helga Hinkenickel Reinhold. Petrópolis: Vozes.
- Lukas, E. S. (1989) *Logoterapia: A força desafiadora do espírito*. São Paulo: Loyola.
- Lukas, E. S. (1992a) *Prevenção Psicológica: A prevenção de crises e a proteção do mundo interior do ponto de vista da Logoterapia*. Trad. Carlos Almeida Pereira . Petrópolis - São Leopoldo: Editora Vozes.
- Lukas, E. S. (1992b) *Assistência Logoterapêutica - Transição para uma psicologia humanizada* - Trad. Helga Hinkenickel Reinhold. Petrópolis, Vozes; São Leopoldo: Sinodal.
- Lukas, E. S. (1990) *Mentalização e Saúde: A Arte de Viver e Logoterapia*. Tradução de Helga Hinkenickel Reinhold. Petrópolis: Editora Vozes.
- Lukas, E. S. (2002) *Psicologia Espiritual* (E. Royer, trad.). São Paulo: Paulus.
- Xausa, I.A. M. (1986) *A psicologia do sentido da vida*. Petrópolis: Vozes.

Enviado em: 30/10/2014

Aceito em: 22/11/2014

SOBRE AS AUTORAS

Heloisa Helena Rocha Silveira. Psicóloga pela UFMG, pós-graduação em Psicodrama pela Faculdade Metropolitana de Belo Horizonte, conclui em 1997 a formação em Logoterapia pela SOBREAL, psicóloga da Caixa de 1985 a 1993, atua na clínica desde 1991. Especialista em Psicologia Clínica e Organizacional. Email: heloisasilveira@globo.com

Valquíria Gonçalves de Oliveira. Logoterapeuta com formação pela SOBREAL em 1997 e pelo ABILE Institut em Wels (Austria) em 2008, psicoterapeuta e psicóloga clínica credenciada ao Instituto Viktor Frankl de Viena. Email: v.oliveira@gmx.net